



N.º 49 — LISBOA, 17 DE DEZEMBRO

1.º ANO 1933

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs.	Brazil, anno 52 numeros..... 23500 rs
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 1100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 13500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

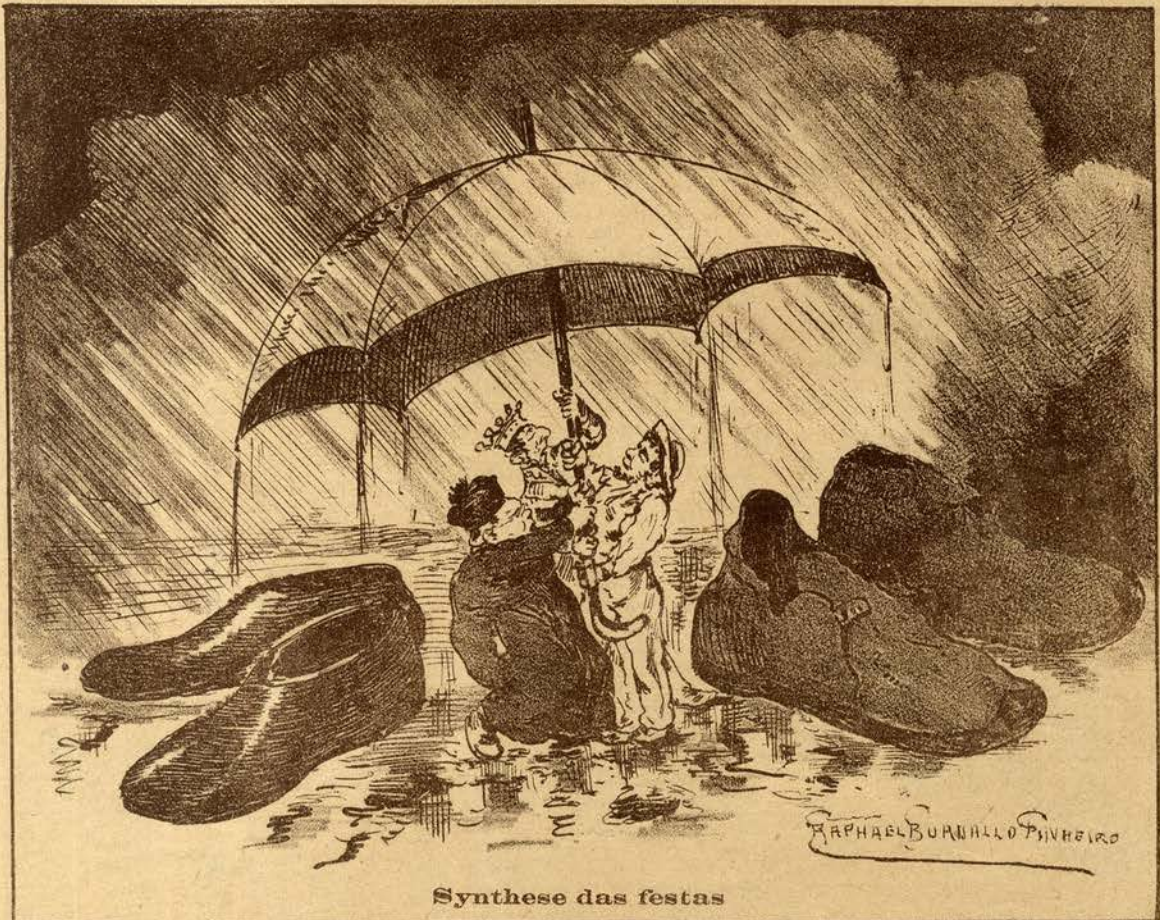
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

A NATUREZA E O HOMEM



Synthese das festas

O governo perante as festas e... perante Deus

A' hora a que escrevemos, com a antecipação a que nos forçam os progressos das artes graphicas em Portugal, ainda não é possível apreciar em conjuncto as festas que se estão realisando em honra do rei de Hespanha.

Certos factos, como certos quadros, precipitam ser vistos a distancia.

Apenas se passaram dois dias—o da chegada de Sua Magestade e o dia seguinte, que apenas por ser o dia seguinte ao da sua chegada se tornou notavel na série do programma festivo, e ainda não podemos realmente dizer até que ponto as festas realmente falharam, porque é bem certo que em parte falharam já, tendo-lhes faltado pelo menos, até á hora tempestuosa em que traçamos estas linhas, o concurso de um tempo ameno e propicio ás celebrações da via publica.

Tão sómente nos é permitido—e isso vamos resumidamente fazer—formular, á vista d'estes primeiros insuccessos, alguns juizos que reputamos opportunos.

As festas que se estão n'este momento realisando—eis a nossa opinião—teriam sido verdadeiramente excellentes se não fossem levadas a effeito.

O que as prejudicou,—foi fazerem-n'as.

De quem a culpa?

Hoje, como no tempo dos Cabraes—do governo.

O governo foi insensato.

O governo foi impudente.

O governo foi imprevidente.

A unica festa nacional em Portugal é o ceu.

O ceu em Portugal tem uma temporada, como S. Carlos.

A temporada do ceu é abril.

O governo sabia-o?

Não é licito acreditar que o ignorasse. O poder não cega por tal fórma os homens que não lhes permita vêr o sol.

Por outro lado, o sol em Portugal é uma das raras fontes de riqueza que não está submettida ao regimen do monopolio.

O sol em Portugal é uma cooperativa.

Ora, justamente o governo pensou receber o rei de Hespanha sem o concurso do sol.

O governo praticou um erro imperdoavel.

Posto acostumado a assumir a integra responsabilidade dos actos das suas gerencias, o sr. Hintze Ribeiro vae talvez procurar repartir com o

Tempo, as que n'este momento duramente lhe pezam.

Pela primeira vez, por ventura, o nobre chefe da situação se encontra em presença de responsabilidades indivisiveis.

O que esperava sua ex.^a?

Bom tempo?

Sua ex.^a não terá a pretensão de de nol-o fazer acreditar.

Esperar bom tempo do máo tempo não é de estadista tão experimentado.

O que promete o inverno?

Incleinencia. Vento, chuva, frio.

Sua ex.^a esperava talvez um armisticio da Natureza em seu favor. Sua ex.^a ter-lhe-hia mesmo proposto, como ao sr. José Luciano, um accordo. Ter-lhe-hia—quem sabe?—promettido cair depois das festas.

Sua ex.^a estende ao Cosmos a acção de phenomenos que na realidade apenas se passarão no seu ministerio.

A Natureza é intransigente. O Ceu não faz accordos. O ceu não é progressista ou regenerador. O ceu não tem partido.

Esperar seis dias de Verão, no Inverno, é contar com o imprevisto, e nenhum bom homem de Estado governa com o imprevisto. Governar é prever.

Se sua ex.^a o sr. presidente do conselho contava para o bom exito das festas com seis esplendidos dias de ceu macio, de sol brilhante e de suave calor, sua ex.^a contava não já com o imprevisto, mas com o providencial. O sr. Hintze Ribeiro não governaria assim com idéas, mas com superstições. Sua ex.^a deitaria cartas, sua ex.^a leria a *buena dicha*, sua ex.^a inspirar-se-hia não em Montesquieu, mas no *Livro de S. Cypriano*.

De todos os modos, sua ex.^a, ou o governo errou lastimosamente.

As nações engrandecidas por uma civilização brilhante recebem em todas as Estações. O prestigio da civilização franceza, ou da civilização ingleza não vem da natureza, mas do Homem. Paris é uma cidade sempre festiva, mesmo quando chove a potes. Londres, mesmo immersa em nevoeiro, é grandiosa.

Portugal, esse, só está em condições de receber officialmente na primavera.—Não é uma civilização:—é um jardim.

Não nos é permitido fazer manobrar grandes esquadras ou formidaveis exercitos. As creanças das nossas escolas não pôdem, como na Suissa, ou como na Suecia, dar a um hospede illustre o espectáculo de uma sociedade activa. Não temos a ventura de ser os proprietarios das maravilhas do Louvre, ou do Kensington Museum, para vêr as quaes se deslocam as mais macissas auctoridades da terra. O plano das nossas

idades não é, por outro lado, de natureza a constituir de per si um espectáculo atrahente. A estreiteza das nossas ruas resente-se ainda da mesquinhez das nossas idéas e dos nossos habitos.

O que é que verdadeiramente nos resgata da nossa incontestavel mediocridade?

Alguns dias de sol.

O nosso prestigio, a nossa fortuna, a nossa gloria é o sol.

Quando o sol entra em funcções ahi por abril, Portugal entra no equilibrio europeu, é uma potencia de primeira ordem:—póde receber, e nenhum rei, por mais forte, deixará de prestar vassallagem, senão ao seu poder, á sua graça. Assim Eduardo VII, o outro dia, saído das brumas de Windsor e entrando no Tejo luminoso, largamente sorria, cumprimentava, fazia a breve continencia militar ao ar, ao azul, ao espaço que o dominavam com os seus esplendores triumphaes.

Uma situação privilegiada, mesmo na Natureza, é uma força.

Eis o que o governo ignorou, ou deploravelmente esqueceu.

As suas festas falharam.

A razão é simples. A razão é que as unicas festas que em Portugal não fallam são aquellas que a natureza faz, com a circumstancia preciosa de que são tambem aquellas que nos saém mais em conta.

O sr. Queiroz Velloso é por certo um excellenté collaborador, mas Deus é melhor e mais barato.

JOÃO RIMANSO.



Olhem que isto é para cantar

No paiz da Maria Castanha,
Onde pasta o mansinho jumento,
Fino amor seu poder desentranha!
Vae festanga de grande espavento.

Mostram todos os sinos da Penha
O metalico som barulhento;
O foguete o mister desempenha,
Da Pampulha vae ter a S. Bento!

O trombone perdeu toda a sanha,
O pandeiro tornou-se portento;
Socegada não vejo uma aranha
Sobre a teia que é seu aposento!

As donzellas da Moita e da Idanha,
Atacadas de affecto violento,
Querem todas casar com quem tenha
Hespanhol, fanfarronico acento!

Mas, oh, céos! na festanga tamanha
Esqueceu um rifão bolorento,
Que nos diz que—da banda de Hespanha
Nem bon vento nem bom casamento!



De galochas

Diario da festa

Quarta-feira.

Meia noite. Chegamos agora mesmo a casa, n'uma sopa. Chove a cantaros. Pesa sobre a cidade o lucto das grandes calamidades. Tudo parece condemnado: o cortejo e os coches historicos, as illuminações á moda do Minho, a *bande souple*, a tourada e o fogo de James Parry and Sons. Deplora-se as despesas. Na Rotunda, ha lama de palmo.

Quinta-feira.

Sete da manhã.

Decididamente, pensamos nós ao acordar verificando a esplendida manhã,—o ceu anda feito com as monarchias liberaes, Deus commandita o regimen parlamentar. Este dia de primavera pintado pelo Manini, tão somente para receber o rei de Hespanha e luzir as galas da cõrte portugueza, faz-nos conceber um Deus, como o sr. Dias Ferreira, facciosamente conservador, e nós, embora ainda deitados, inclinamos-nos profundamente ante principios tão bem servidos de alianças, na terra e no ceu.

Está um azul profundo e macio. Está um azul de se lhe dar com elle na cara dos republicanos. Está emfim um azul que é a melhor resposta á conferencia do sr. Bernardino Machado.

Erguemos-nos trauteando a *Marcha Real*, como ha pouco tempo nos erguimos trauteando o *Gode Save the Qing*.

Welcome!

Viva la gracia!

Bem dita sea tu mare!

Mas n'isto—oito horas.—Escurece.

Que temos?

Chuva!

A *Marcha Real* cessa nos nossos labios e nós começamos a dar razão ao sr. Bernardino Machado.

Os principios conservadores apparecem-nos como um juguete em poder da natureza, como nas mãos dos homens. Nada lhes está assegurado—nem orçamentos certos, nem dias bonitos.

A chuva não cessa. E', pois, bem certo que está tudo perdido.

Subito, ás oito e meia, deixa de chover e não são já os principios conservadores que vemos vacillar: somos nós proprios, o Homem, que nos sentimos ludibriados.

Dez e meia. O ceu escurece de novo. Chove com entusiasmo. Não ha duvida: a festa está perdida. Longe de ser um alliado, o ceu é um inimigo. O ceu conspira contra a monar-

chia e os reis. O ceu é republicano. O ceu vota com Salmeron contra Villaverde. Adeus illuminações! adeus tourada! adeus fogo!

Nada ha já a esperar!

Depressa! O nosso impermeavel, as nossas galochas e saiamos a verificar a catastrophe.

Eis, porém, o sol — o sol outra vez, esplendido, a illuminar, a aquecer, a seccar.

Já não pedimos bom tempo. Pedimos apenas um intervallo, como no D. Amelia e depois—o diluvio!

Duas horas.

Toda a gente foi para as janellas, de maneira que nas ruas está-se admiravelmente. Lisboa não é bastante populosa para encher as ruas e as janellas. Ou está na rua, ou está á janella. Ainda bem!

Eis aqui o cortejo.

Quem vem?

O rei de Hespanha?

O rei de Inglaterra?

O scenario é o mesmo. Os coches, os arrieiros, os archeiros, os moços de estribeira, os camaristas, os officiaes-móres, são os mesmos.

Apenas os reis são diferentes.

Os personagens da cõrte hespanhola tem um ar vagamente Velasquez, mas como está longe a rendição de Breda!

Os personagens da cõrte portugueza parecem explicar-lhes de caminho a cidade e os sitios — o Jeronymo Martins & Filho, o Eloy, o Marques, o *Paris em Lisboa* e o Ramiro Leão.

Elles tem o ar compenetrado de individualidades profundamente empalhadas. Pelo menos é esse o effeito que nos fazem, através das vitrinas dos coches.

Mas eis emfim o rei!

Magro?

Gordo?

Fraco?

Forte?

Fluido.

Nós vivemos, *vis-à-vis* da corõa, no regimen do bife pouco passado.

A nossa impressão, ao vêr o rei de Hespanha, foi de surpresa.

Até hoje é a primeira vez que vemos um rei tão delgado e tão pallido.

Não é em rigor um rei: é um pretexto para uma corõa.

As mulheres, sobretudo, não cabiam em si, de espanto.

Dez da noite.

Os jornaes annunciam que ao chegar ao Entroncamento, Affonso XIII disséra ao sr. Hintze Ribeiro:

«— Estou deveras commovido com as manifestações de que sou alvo.»

Não pôde ser.

Affonso XIII não disse semelhante coisa, e se o disse, foi o sr. Hintze Ribeiro que lh'o ensinou.

«Manifestações de que sou alvo»

—é industria nacional.

Entre outras informações interessantes da imprensa d'esta noite, recolhemos a seguinte:

«Os bois que hão de ser corridos na tourada d'amanhã estão ha dois mezes e dias comendo 18 alqueires de fava, por dia».

Quer dizer: não é um curro. —E' uma bateria.

Sexta-feira

A tourada foi transferida e o dia passou-se em melancolia, em vento, em chuva, em lama.

Por uma circumstancia absolutamente inesperada, as illuminações sepultaram a cidade em treva. Por baixo dos candelabros da companhia do Gaz andava-se ás apalpadellas e a *bande souple* illuminou só de uma banda—de uma banda só. Acabamos de lêr no *Jornal da Noite* que um forasteiro curioso, gastando uma caixa de phosphoros, investigou a outra banda—sem trocadilho. A Avenida permaneceu no escuro, premeditando os deslumbramentos d'amanhã. O Terreiro do Paço illuminou a azeite. A unica illuminação boa foi a dos navios no Tejo—unica que não custou dinheiro ao Estado.

Comtudo, muita gente nas ruas e, de Caneças,—bastantes forasteiros.

Não se sabe o que será o dia de amanhã.

Assim como assim, a opinião publica está preparada para tudo—com resignação e casacos de oleado.

Meia noite. Chove e sopra um vento de tempestade.

Positivamente, o ceu conspira)—com os inimigos do throno.

E' preciso, logo que o rei de Hespanha se retire, reformar de *fond en comble*, o Codigo Administrativo e dar instrucções novas, ao sr. Juiz Veiga.



O marmelleiro

Não é o rei dos paus; é marmelleiro, Ou pôde ser mais grosso ou ser mais fino; Foi cacete no tempo miguelino. Hoje, se não der mais, dá um fheiro.

Ensina um refinado caloteiro Que tem trombeta para todo o hymno; Dá pau para fazer um Deus menino, Ou qualquer satanaz pantomimeiro.

E' pau para bandeiras no Rocio; Pôde, para dois bois, dar uma canga, Enxotar uma sogra e um cão vadio,

Pôde acabar de vez antiga zanga; E até dar correcção a um senhorio Que obriga o inquilino o andar de tanga!





A

E



I



O



U

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A semana do Ah! Eh! Ih! Oh! Uh!

Graça régia

Na séde da legação de Hespanha, Affonso XIII, cercado pelas personagens da sua comitiva, e pelas outras pessoas que tinham assistido ao almoço, recebeu de pé, ao centro da sala, os cumprimentos dos seus subditos, sorrindo a todos, e dirigindo em particular a alguns phrases de carinhosa estima, interessando-se muito pela situação d'elles em Lisboa, querendo saber quaes eram as esquinhas que rendiam mais, e se a introdução das muares nos carros da bomba lhes tinham causado um grave prejuizo...

O joven soberano é encantador.

**A cordura do povo**

Durante a estada do Rei Affonso XIII em Lisboa, frequentes vezes houve necessidade de forças de 30 guardas e 2 cabos, sob o commando d'um chefe de policia, para conter a multidão nas ruas do transito.

E' um symptoma tranquillizador. Com 30 guardas e 2 cabos só se contém uma multidão—em festa!

**Arte da guerra**

No torneio de tiro aos pombos que se realisou na tapada da Ajuda, eno qual tomou parte o Rei Affonso XIII, teve Sua Majestade alguns tiros de grande valor, recebendo por isso muitas palmas, demonstrando o nosso régio hospede a sua notavel aptidão para tal genero de sport, e «provando á evidencia ser um atirador distincto—disseram os jornaes—o que se chama, em linguagem apropriada, uma boa espingarda».

Pena é que as boas espingardas não façam os bons soldados.

**Constipação e reclamos**

A Casa das Thesouras, que aproveitou as festas ao Rei de Hespanha para fazer um excellente reclamo aos seus gabões d'Aveiro, esqueceu-se do melhor, que seria este:

«Dia 12 de Dezembro. Grandes illuminações e fogo de artificio na Avenida da Liberdade. Cuidado com as pneumonias. Previnam-se com os varinos e gabões de José Clemente, na Casa das Thesouras».

**Guarda-roupa**

Seguindo a larga escala por seu turno
Eu tenho usado vario fardamento:
Uma vez vesti farda de sargento
Em um certo espectaculo diurno.

Em tragedia feroz calcei cothurno;
Em comedia já fiz de frade Bento;
Já me vesti de freira de convento,
E até tomei os trajos de Saturno.

Vesti niza, jaleca, frack, blusa,
Enverguei muitas vezes a borjaca,
E puz a toga que em justiça se uza.

No entrudo mascarei-me de macaca...
Porém a consciencia não me accusa
De ter vestido uma só vez casaca!

**Sol e sombra**

Na vespera da corrida de toiros que não se chegou a realizar em honra do Rei de Hespanha, os bilhetes atingiram preços exorbitantes. O dia tinha-se conservado sombrio, e, ao cair da tarde, chuscava, quando dois provincianos se chegaram a um contractador, perguntando preços.

Ficaram muito admirados quando o homem lhes disse que os bilhetes mais caros eram do sol, e os mais baratos de sombra.

— «Ora essa! dizia o mais esperto. Ainda no verão passado o mais barato era o sol...»

— «Pois era... explicava o contractador. Mas era no verão. De inverno, é o contrario.»

**Patriotismo e negocio**

Em diversos sitios por onde teve de passar o Rei de Hespanha, liam-se estas palavras, ora em letras de ouro, ora em luminarias, ora em flores: — *Bien venido seias!*

O dono d'uma casa de pasto a S. Paulo, que é hespanhol, e se chama Bemvindo, illuminou tambem a fachada, e fez então dispôr os bicos de gaz de modo que quem passava lia isto:

Bienvenido — Ceias

Parecia uma saudação, e era uma taboleta.

**Reportagem azêda**

Descrevendo a decoração de uma das nossas installações militares, que o Rei Affonso XIII visitou, disse um jornal:

«... a escadaria era toda ornamentada com vasos de plantas, uma pasadeira carmesim, e as panoplias do costume.»

Panoplias do costume — é muito boa piada.

**Puntos de vista**

Na sua visita ao Castello de S. Jorge, o Rei Affonso XIII ficou extasiado ante o maravilhoso panorama que d'ali se gósa, demorando-se uns dez minutos a admira-lo, e manifestando quanto aquillo o surpreendia agradavelmente.

No que respeita a fortalezas, como Vossa Majestade vê, temos pontos de vista incomparaveis.



Medicina e totela

Disseram os jornaes :

«Por deliberação do seu medico assistente, o sr. Conselheiro José Maria de Alpoim, embora muito melhor, não poude comparecer na gare, por occasião da chegada de Sua Magestade o Rei de Hespanha.

O mesmo medico não consentiu que o Sr. Alpoim assistisse a quaesquer das festas offerecidas a Affonso XIII, nem ao acto da despedida.»

Não é um medico. E' um tutôr.



Mais «pimpão»

Voltou de Livorno, arranjado de novo, o couraçado *Vasco da Gama*. Traz duas machinas de triplice expansão, cinco caldeiras cylindricas, seis mil cavallos de potencia; tres mil e trinta toneladas de deslocamento, e cento e cincoenta milhas de velocidade maxima.

Traz duas peças de 203/40 Arms-trong, uma peça de 15/45, uma peça de 78/46, oito peças de 47/40, e duas peças de 6 m/m 5. Protege-o uma couraça de ferro forjado com a espesura maxima de 0,254. E tudo novo.

A unica coisa velha que traz, é a legenda, em bronze, e em alto relevo, que diz:

A patria honrae, que a patria vos contempla

Mas é tambem a unica coisa que li não tem serventia.



Boa lettra

Um redactor das *Novidades*, que acompanhou o Rei Affonso XIII á visita do Museu de Artilheria, achou que Sua Magestade ali tinha assignado o livro dos visitantes com uma excellente calligraphia.

A boa calligraphia é a primeira virtude dos reis.



A chapa

Os briosos filhos da Gallisa residentes em Lisboa offereceram ao Rei Affonso XIII, por occasião da sua estada aqui, uma chapa commemorativa.

Quem dá o que tem não é a mais obrigado.

Canções populares

MOTE

Ralha comigo o abbadé
De cada vez que te vejo ;
Os curas nunca souberam
As curas que faz um beijo !

GLOSA

Mãesinha ! com devoção
Muitas vezes vou á missa,
Mas não sei o que me atiaça
Cá dentro do coração !...
Quando lá vejo o João
Dou-lhe um olhar de amizade...
Isto, na pura verdade,
Não é caso para espanto,
Mas, porque finge de santo,
Ralha comigo o abbadé !

Joãosinho seductor,
O tal padre salafriario
Quer que eu não deixe o rosario,
E esqueça juras d'amor !
Contra á lei do Creador
Ergue-se o gajo sem pejo ;
E, rindo do meu desejo,
Que só traduz innocencia,
Dá-me cruel penitencia
De cada vez que te vejo !

A mulher já casadeira,
Segundo o que elle lá diz,
Só consegue ser feliz
Se toma a touca de freira !...
Vejo n'isto a maganeira
Gajona, que elles fizeram !...
Bem entendo o que quizeram
Os ministros do Senhor...
Mas lá o que é santo amor
Os curas nunca souberam !

Elles sabem, em latim,
Quando ha chuva, pedir calma,
Exnotar diabos d'alma,
Mais outros coisas assim !...
Absolvem christão ruim,
Quando o peccado é sobejo...
Cantam fanhoso solfejo,
Manná de beatas meduras...
Porém não sabem os curas
As curas que faz um beijo !

A SEVERA, FILHA.



Salchicharia

Rua de S. Pedro de Alcantara, 23 e 25, continua com abundante fornecimento de carnes das melhores qualidades.

O abaixo assignado, gerente deste acreditado estabelecimento de que é proprietario o sr. José Paulo de Carvalho, e tem a especialidade do bom chouriço de carne e de sangue linguica e salchicha, que são feitos com esmero ao assio. Espero continuar a merecer a protecção de todos os amigos e freguezes e mais do respeitavel publico.

Lisboa 1 de dezembro de 1903.

Francisco Soeiro Alcobia.

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa
de fabrico e
concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel**

Extirpações sem dor de todos os callos, serviços antisepticos, etc. Cura radical de unhas encravadas, etc.

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

ENCADERNAÇÃO

Simple e de luxo, cartonagens, dourados em fitas, papéis, ra coroads e em toda a qualidade de pelles. Casa premitida em diversas exposições.

Paulino Ferreira
126, Rua Nova da Trindade, 132

Callista

pedicuro

JERONIMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que verifique este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ds 5 da tarde

POR 600 RÉIS

Ser photographo !

Apparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qua quer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.

Pedir catalogo illustrados. Capas para a encadernação de *Parodia*, 1.º, 2.º e 3.º anno. Empaste 200 réis.

Alves & Ferreira
220, Rua Augusta, 222

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro
Portuguezes**

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de dezembro de 1903 o comboio n.º 504, Tamway, que sae de Figueira ás 7 horas e 55 minutos da manhã, terá 30 segundos de paragem na estação de B. de Lares para serviço de passageiros.

Lisboa, 28 de novembro de 1903.

O Director Geral da Companhia.

Chapuy.

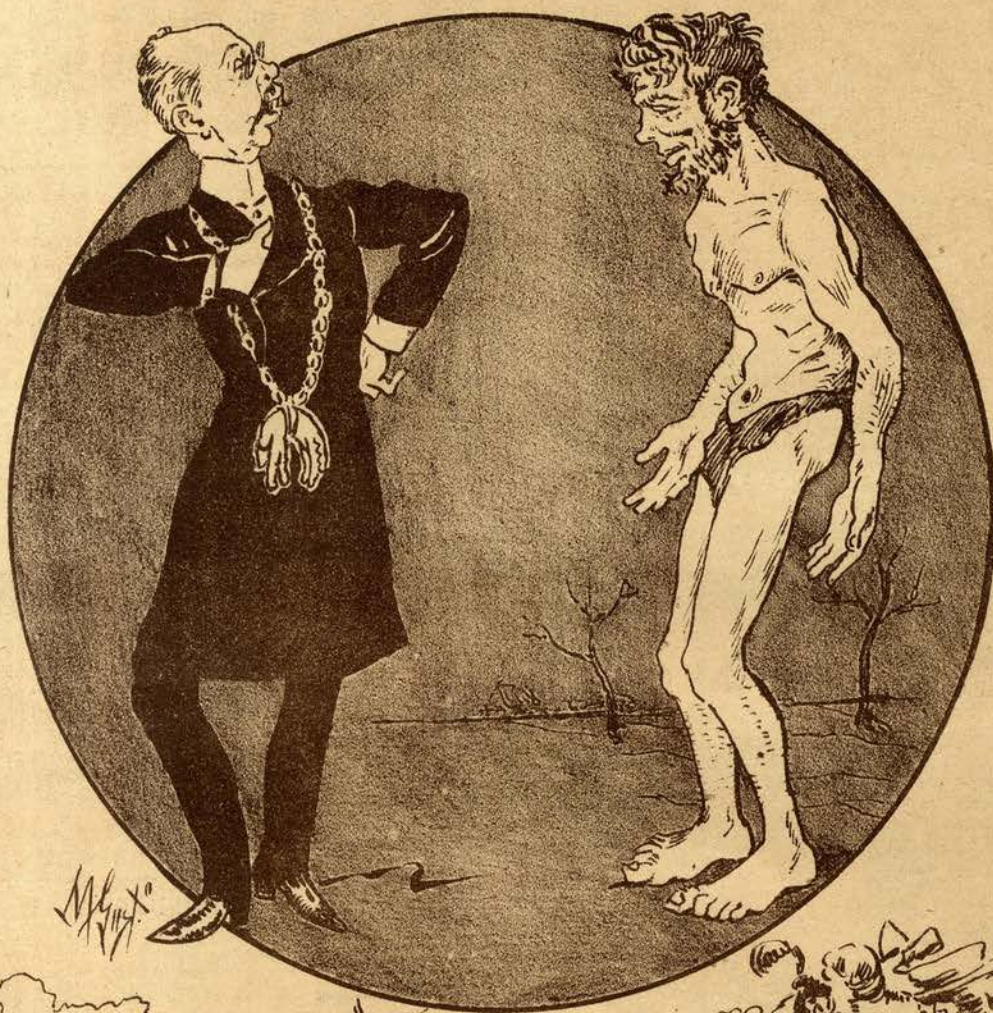
Lollão

Em conformidade com o artigo 108 das tarifas geraes d'esta Companhia, annuncia-se que no dia 24 do corrente será vendida em haste publica, na estação de Coimbra, a remessa de pequena velocidade n.º 47-222 de Aveiro, constante d'um wagon palha preta, e n.º 47-222 de Aveiro, expedida em 17 de setembro do corrente anno, pelo sr. Antonio Nunes de Carvalho, á consignação do sr. Manuel José da Costa S. ares.

O Director Geral da Companhia

Chapuy.

O TOSÃO D'OIRO



—Eu tenho o Tosão d'Ouro...
—Eu cá então nem Ouro nem Tosão. nem nada...